

Arqueologia da transição: entre o mundo romano e a Idade Média

Cláudia Teixeira, André Carneiro
(coords.)

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS

ANNABLUME

SOBRE O ESTUDO DAS NECRÓPOLES ALTO-MEDIEVAIS DA SERRA DE SÃO MAMEDE (CASTELO DE VIDE E MARVÃO, PORTUGAL): UMA PERSPECTIVA METODOLÓGICA
(On the high-medieval necropolis research in the Serra de São Mamede (Castelo de Vide e Marvão): a methodological perspective)

Sara Prata (saramseprata@hotmail.com)
Instituto de Estudos Medievais – Universidade Nova de Lisboa

RESUMO – O presente estudo aborda as questões relacionadas com a arqueologia funerária da Alta Idade Média nas necrópoles identificadas na Serra de São Mamede (Castelo de Vide e Marvão, Portugal). Para este período - os séculos que medeiam entre a queda do Império Romano do Ocidente e a ocupação muçulmana - pouco se conhece sobre a região, em especial nas comunidades rurais, dada a escassez – ou inexistência – de fontes escritas e do pobre conhecimento das realidades arqueológicas. A investigação conduzida procura conhecer estas comunidades rurais, utilizando o mundo funerário como ponto de partida, em especial as sepulturas escavadas na rocha. O trabalho de campo foi aprofundado com as referências bibliográficas existentes. Deste modo, o presente estudo apresenta as opções metodológicas, debate o estado atual dos conhecimentos e alguns problemas-chave relacionados com o estudo destas realidades e, finalmente, discute alguns caminhos para a investigação futura.

PALAVRAS-CHAVE – Necrópoles; Alta Idade Média; Arqueologia funerária; sepulturas escavadas na rocha.

ABSTRACT – This paper analyses matters regarding funerary archaeology for the Early Middle Ages focusing on the necropolis identified in Serra de São Mamede (Castelo de Vide and Marvão, Portugal). For this period – the centuries between the fall of the Western Roman Empire and the Muslim occupation – there is still little known about what was happening in this area. This is especially true for rural communities, due to the scarcity – or inexistence – of written sources and also the poor knowledge about the archaeological realities. My aim is to shed some light on how people lived away from urban centres, during the Early Middle Ages, in Serra de São Mamede. As a starting point, I used the necropolis, composed mainly by rock-cut graves, since the work of previous authors pointed to the existence of several burial grounds known to be used during this period. My research work was based on an archaeological field survey, centred on the existing bibliographic references. In this paper, I explain my methodological choices; address the state of the art and key problems regarding studies of this nature and finally, discuss some study paths I believe can be of use when addressing this matters.

KEYWORDS – Necropolis, Early Middle Ages, funerary archaeology, rock-cut graves.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo surge na sequência de uma apresentação realizada no *I Congresso Internacional de Arqueologia de Transição* que abordou as problemáticas do estudo da Alta Idade Média através dos vestígios funerários. No momento da apresentação realizada, encontrávamo-nos na fase de redação daquela que seria a nossa dissertação para obtenção do grau de mestre em arqueologia. Importa começar por destacar que a referida tese, que serviu de mote a esta apresentação, se centrou no estudo da funerária alto-medieval, a partir de um perspectiva arqueológica, incidindo na área da Serra de São Mamede abrangida pelos territórios dos atuais concelhos de Castelo de Vide e Marvão¹.

O objetivo da nossa apresentação, que materializamos no presente artigo, foi dar a conhecer as características da amostragem que constituiu o nosso objeto de estudo, as opções metodológicas que tomámos e o estado dos trabalhos realizados até ao momento da referida comunicação. Perante as dificuldades com que nos deparámos, no decorrer dos nossos trabalhos, pensámos que seria também pertinente utilizar a nossa apresentação como incentivo à reflexão sobre as principais problemáticas associadas ao estudo da Alta Idade Média, nomeadamente, no que diz respeito à realidade funerária.

A possibilidade de sustentar o nosso trabalho de investigação com uma forte componente de trabalho de campo, permitiu-nos realizar uma leitura global dos vestígios arqueológicos e das características da sua implantação na paisagem, numa extensão de território cuidadosamente definida. Acreditamos que a identificação de diferentes manifestações funerárias associadas ao mesmo espetro cronológico, a Alta Idade Média, nos colocou numa posição privilegiada permitindo-nos levantar novas questões e seguir diferentes linhas de trabalho, adaptadas ao nosso objeto de estudo, que acreditamos terem sido úteis na supressão de algumas dificuldades e na obtenção de novos resultados.

2. UM ESTADO DA ARTE

Começaremos por fazer uma breve contextualização sobre o início dos trabalhos dedicados ao estudo das manifestações de cariz funerário alto-medievais.

Em primeiro lugar, importa referir que o vestígio arqueológico mais fácil de identificar em ambiente rural para esta cronologia são as chamadas sepulturas escavadas na rocha². As primeiras abordagens no sentido da sua compreensão e

¹ Prata, S. (2012) *As Necrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)*. Tese de mestrado defendida em Setembro de 2012 na FCSH-UNL, Lisboa.

² Estes sepulcros surgem um pouco por toda a Península Ibérica e consistem em sepulturas escavadas diretamente no afloramento rochoso, característica que lhes confere uma grande permanência temporal.

balizamento cronológico começaram por incidir na definição de tipologias formais, baseadas essencialmente na presença, ou não, do antropomorfismo. Como o nome indica, esta particularidade formal pressupõe que – pela definição da sepultura na zona da cabeceira, dos pés ou ambas – a forma do sepulcro acompanha os contornos do corpo humano.

Para compreender a génese do estudo da funerária alto-medieval na Península Ibérica existem dois nomes paradigmáticos que não podemos deixar de referir. Em Espanha, o primeiro autor a debruçar-se verdadeiramente sobre esta questão e a atribuir cronologias específicas para as sepulturas escavadas na rocha, com base no seu estudo morfológico, foi A. Castillo. Em 1968 apresentou uma comunicação ao *XI Congreso Nacional de Arqueología (Mérida)* estabelecendo uma tabela crono-tipológica em que relacionava as sepulturas, e a sua evolução no sentido do antropomorfismo, com o processo da Reconquista (Castillo 1968). Estas teorias entrariam mais tarde em contradição com ideias avançadas pelo mesmo autor, a partir da escavação das necrópoles de Revenga e Cuyacabras (Burgos, Espanha), onde referiu que os grupos de mais de uma sepultura onde se verificariam ambas as tipologias constituiriam panteões familiares, nos quais as sepulturas não antropomórficas corresponderiam a espaços para inumação de indivíduos femininos e infantis, e a antropomórfica para a inumação do elemento masculino (Castillo 1972). A partir desse momento, as teorias de Castillo serviriam de referência para muitas das investigações desenvolvidas em Espanha, havendo duas correntes de investigação distintas, definindo-se pelo seguimento ou ruptura com os princípios estabelecidos por este autor.

Em Portugal, embora as primeiras publicações sobre estas ocorrências arqueológicas surjam ainda na década de 30 do século passado, foi no final dos anos 80, com os trabalhos de M. Barroca, que a investigação portuguesa nesta área recebeu o seu primeiro grande impulso. Em 1987 apresenta à Faculdade de Letras do Porto um trabalho intitulado *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-e-Minho (séculos V a XV)* (Barroca 1987), onde constatou que, ao contrário das necrópoles de grande dimensão espanholas trabalhadas por Castillo, as sepulturas que analisou se encontravam, na maioria das vezes, isoladas, associando este fato com uma realidade de povoamento disperso. A partir do estudo da necrópole de Santa Marinha da Costa (Guimarães), definiu uma evolução tipológica associada à estratigrafia detectada, segundo a qual as sepulturas não antropomórficas seriam as mais antigas, surgindo o antropomorfismo no século XI (Barroca 1987).

Para o atual território português importa referir que a partir da década de 90 do século XX e na primeira década do novo milénio se assiste a um aumento dos estudos sobre esta temática, principalmente em contextos associados ao Norte e Centro de Portugal. De momento interessa-nos afastar-nos do panorama geral e concentrarmo-nos na Serra de São Mamede, mais precisamente, nos trabalhos dedicados às questões da funerária alto-medieval desenvolvidos nos atuais concelhos de Castelo de Vide e Marvão.

O primeiro autor a referir os sítios de ocupação alto-medieval para este território foi Afonso do Paço. Em 1949 publica um trabalho sobre o sítio do Monte Velho (Beirã, Marvão) onde durante os seus trabalhos de escavação identifica estruturas habitacionais e recupera uma telha com uma inscrição que lhe serve de mote para a publicação (Paço 1949). Mais tarde, compila todos os seus trabalhos de campo no território do Concelho de Marvão e em 1953 publica a primeira carta arqueológica do concelho, onde são incluídos vários vestígios que considera como *Visigodos* ou *Indeterminados e Medievais*.

Em 1972, Maria da Conceição Monteiro Rodrigues procede à escavação das necrópoles da Boa Morte e de Santo Amarinho (Castelo de Vide). Em 1975 publica a *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide* onde inclui vasta informação sobre sítios de época alto-medieval, organizando os vestígios funerários deste período em *Sepulturas Antropomórficas e Necrópoles Visigodas* (Rodrigues 1975). A mesma autora publica, em 1978, *Sepulturas Medievais do Concelho de Castelo de Vide*, como complemento à carta arqueológica. Nesta separata, apresenta o espólio cerâmico exumado das necrópoles e sepulturas que teve oportunidade de escavar no concelho de Castelo de Vide, procedendo a um estudo comparativo, com base nas dimensões e formas das peças³.

Em 1981 José Olívio Caeiro retoma a escavação das sepulturas da Boa Morte (Castelo de Vide) e em 1985 publica *A Necrópole da Azinhaga da Boa Morte I – Castelo de Vide* e *A Azinhaga da Boa Morte II – Castelo de Vide*. Nestas publicações inclui a descrição dos seus trabalhos de emergência que resultam na identificação de duas novas sepulturas e de uma estrutura, possivelmente habitacional, que associa aos sepulcros. Este autor insere os sítios arqueológicos estudados nos séculos VI/VII, admitindo que num contexto rural a cronologia da sua utilização possa ir até aos séculos IX/X (Caeiro 1985b).

Nas décadas que seguiram, a Secção de Arqueologia da Câmara Municipal de Castelo de Vide realizou prospeções exaustivas em várias zonas do concelho, garantido a localização e levantamento gráfico de vestígios arqueológicos de várias épocas. Embora na sua maioria estes trabalhos careçam de publicação permitiram a identificação de novos vestígios associáveis ao espectro cronológico medieval, nomeadamente, concentrações de sepulturas escavadas na rocha.

Mais recentemente, para o Concelho de Marvão, a *Nova Carta Arqueológica de Marvão* (Oliveira *et al.* 2007) dá a conhecer uma grande quantidade sítios arqueológicos inéditos, muitos deles atribuíveis à Alta Idade Média.

Estes trabalhos prévios mostravam a existência de vários sítios associáveis ao espectro cronológico alto-medieval. Foi a percepção da existência destes vestígios arqueológicos, atribuíveis ao início da Idade Média, que motivou o início dos

³ Estes materiais foram novamente estudados e os resultados obtidos integrados no nosso estudo mais recente (Prata 2012).

nossos trabalhos, pretendendo encarar estes vestígios como partes integrantes de uma mesma realidade arqueológica e iniciar o longo caminho no sentido da sua compreensão.

3. ALGUMAS OPÇÕES METODOLÓGICAS

Todos os trabalhos científicos começam com a definição do objeto de estudo. No caso dos trabalhos na área de arqueologia, “O quê?” deve vir sempre acompanhado de “Quando?” e “Onde?”, a circunscrição de uma área geográfica para o estudo a efetuar e o estabelecimento de um limite temporal são tão importantes como o objecto de estudo em si.

Começando pelo balizamento cronológico, este é como referimos, um dos principais problemas no momento de estudar a funerária alto-medieval. No nosso caso de estudo, e em tantos outros seus análogos, a ausência total de espólio arqueológico para as sepulturas escavadas na rocha faz com que a atribuição de uma datação só possa ser feita através de paralelos arqueológicos, com zonas onde de fato foi possível identificar sepulcros desta tipologia com espólio arqueológico e/ou osteológico conservado no seu interior.

Atualmente, para estas sepulturas, as datações por radiocarbono mais recuadas têm apontado para os séculos VI/VII⁴ e as mais recentes chegaram a ir até ao século XV, para sepulcros reutilizados no âmbito de cemitérios paroquiais⁵. Para as sepulturas implantadas de forma dispersa em meio rural, ou seja, não associadas a edifícios religiosos, tem-se relacionado o abandono progressivo da sua utilização com a expansão da rede paroquial medieval (séculos XI/XII), momento em que as inumações se centram tendencialmente em cemitérios anexos a igrejas (Tente 2011: 416).

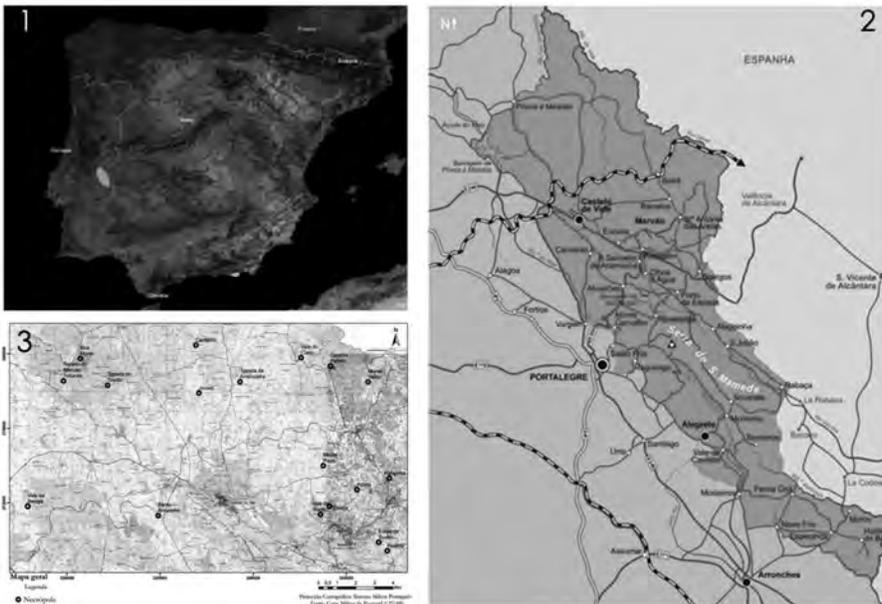
Tendo em conta as inúmeras problemáticas que assistem a atribuição cronológica para estes sepulcros, que Tempo é este que tentamos definir? O tempo do início da construção destes sepulcros? O tempo da sua utilização, assumindo assim um espectro cronológico com uma amplitude de quase dez séculos? Ou o tempo específico do objecto que estudamos, um tempo que cabe ao trabalho resolver e não definir? Para a nossa área de estudo, não nos sentimos confortáveis a estabelecer numa fase introdutória um limite cronológico seguro, e optámos por assumir uma atribuição cronológica baseada num pressuposto de longa diacronia, aceitando estes fenómenos funerários como tendo começado entre os séculos VI/VII e tendo sido progressivamente abandonados a partir dos séculos XI/XII. A data apontada para o abandono dessas soluções funerárias prende-se com

⁴ Foram datadas sepulturas por radiocarbono, na zona do Baixo Aragoão, dos finais do século VI ao século VII (Laliena Corbera *et al.* 2007).

⁵ Exemplo da necrópole de S. Pedro de Marialva (Meda) (Cunha, Umbelino e Tavares 2001).

a organização da rede paroquial que progressivamente assegura a concentração dos cemitérios nos espaços sacralizados, em torno das igrejas. Claro que este balizamento cronológico pressupõe também os seus problemas. No território do Concelho de Marvão, cuja fundação se atribuiu à presença muçulmana neste território, é difícil especular como é que as comunidades rurais perpetuam a sua existência, e o culto dos seus mortos, a partir do século VIII. O desconhecimento de vestígios arqueológicos que permitam compreender as características da ocupação islâmica neste território, e de que forma esta terá, ou não, afectado a vivência das comunidades rurais, faz com que seja muito complicado apontar uma data segura para o abandono da utilização destas necrópoles em meio rural.

No que diz respeito à definição de uma área de estudo, devemos referir a importância da escolha de limites que façam sentido aquando da época a que nos reportamos – neste caso, a Alta Idade Média – que ainda sejam reconhecíveis atualmente. É frequente cair-se no erro de utilizar limites administrativos atuais, como sejam as circunscrições concelhias ou distritais, para definir o espaço de estudo. No entanto, a definição da área de estudo deve ter como base elementos geográficos reais, visíveis actualmente. Foi tendo em conta estes factores que definimos como limite geográfico a Serra de São Mamede. Já a opção de nos dedicarmos exclusivamente aos concelhos de Castelo de Vide e Marvão partiu de limitações relacionadas com a falta de meios para abranger toda a área da serra, no âmbito dos trabalhos para a nossa dissertação de mestrado⁶.



⁶ Atualmente, continuamos a trabalhar estas questões e é nossa intenção abranger toda a área da Serra de São Mamede nos trabalhos que viremos a desenvolver.

Em seguida, as nossas opções metodológicas passaram por uma preparação prévia, na qual nos servimos precisamente das cartas arqueológicas dos concelhos de Castelo de Vide e Marvão (Rodrigues 1975 e Oliveira *et al.* 2007, respetivamente) o que nos permitiu ter uma noção de quais as realidades arqueológicas conhecidas para este território. Uma vez identificados, procedemos à prospeção intensiva dos sítios que inserimos no objeto de estudo. Este trabalho de campo inicial permitiu a relocalização de alguns sítios já conhecidos, bem como a identificação de novas sepulturas e ainda sítios arqueológicos inéditos. Os sítios arqueológicos e respectivos sepulcros foram georreferenciados por sistema de GPS e todas as realidades identificadas foram alvo de registo arqueológico. A salvaguarda da informação foi feita através de levantamento gráfico, por fotografia e desenho técnico, bem como registo documental.

Esta informação em bruto foi posteriormente tratada em gabinete, permitindo uma leitura clara do nosso objeto de estudo, constituído por dezoito sítios arqueológicos que considerámos como necrópoles, compostos por um total de duzentas e catorze sepulturas.

Para definição do conceito de necrópole seguimo-nos pelos parâmetros estabelecidos por Barroca, que organizou as sepulturas escavadas na rocha em sepulturas isoladas; pares de sepulturas e conjuntos de três, considerando como necrópoles apenas os conjuntos de sepulturas de número igual ou superior a quatro elementos⁷ (Barroca 1987). Embora tenhamos optado pela escolha de apenas conjuntos maiores de sepulturas, que considerámos como manifestações funerárias mais significativas, incluímos também conjuntos de três e duas sepulturas, e também sepulturas isoladas, em casos em que a sua relação espacial com conjuntos maiores fosse evidente.

4. PRINCIPAIS PROBLEMÁTICAS PARA O ESTUDO DA ALTA IDADE MÉDIA: OS VESTÍGIOS FUNERÁRIOS

O conhecimento disponível para a época que sucede à queda do Império Romano a Ocidente e antecede a ocupação islâmica é ainda muito limitado para o atual território português. Embora escassa, a documentação escrita permite-nos reconstruir os momentos chave deste período histórico, nomeadamente para os centros urbanos, palcos das grandes mudanças. No entanto, estes documentos são produzidos maioritariamente pelas elites urbanas. Para as populações que ocupavam o espaço rural, existe muito pouca informação. Para verdadeiramente conhecer estas comunidades humanas é preciso recorrer aos seus vestígios materiais que sobreviveram à paisagem do tempo, desempenhando a arqueologia um papel fundamental.

⁷ Note-se que mais recentemente foi publicado um trabalho por I. Martín Viso no qual o autor propõe uma nova organização as sepulturas escavadas na rocha (Martín Viso 2011).

No entanto, apesar da importância que os sítios rurais alto-medievais têm para a percepção do mundo antigo, são ainda muito pouco conhecidos no panorama nacional, sendo a informação disponível muito limitada. Para o território português, o exemplo de exceção é o projeto de investigação realizado por C. Tente no Alto Mondego que pretende a compreensão das estratégias de ocupação dos espaços rurais durante a Alta Idade Média e incidiu na escavação de sítios arqueológicos atribuíveis a este período cronológico⁸. Além de um estudo exaustivo da componente artefactual, foi possível obter uma primeira caracterização destes espaços, ocupados durante os séculos IX e X (Tente 2012). Foram também recuperados preciosos dados acerca dos espaços habitacionais, verificando-se um recurso quase constante a materiais perecíveis na sua construção, sendo muitas destas estruturas quase invisíveis no registo arqueológico.

Estes dados vêm em parte justificar a frequente imperceptibilidade destes espaços de habitat que levou a que, como referimos anteriormente, a maioria dos estudos a incidir sobre povoamento alto-medieval o fizessem a partir do estudo das sepulturas escavadas na rocha, facilmente identificáveis no terreno.

Mas o estudo das manifestações funerárias alto-medievais apresenta dificuldades próprias. Para começar, no que diz respeito à arquitetura dos sepulcros, importa lembrar que estão documentados para este período diferentes tipos de estruturas de inumação. As sepulturas em fossa, abertas diretamente no solo; as sepulturas de lajes, nas quais o espaço tumular é definido por blocos e/ou lajes pétreas; as sepulturas escavadas na rocha, quando o sepulcro é aberto diretamente no afloramento rochoso; e os sarcófagos, estruturas funerárias móveis talhadas em monólitos de pedra.

Estes modelos de arquitetura funerária apresentam características próprias que condicionam a sua abordagem. No caso das sepulturas de fossa, abertas no solo, a sua identificação nos contextos arqueológicos é especialmente difícil devido à frequente acidez dos solos, normalmente incompatível com a conservação de restos orgânicos. Efetivamente, no caso do território da Serra de São Mamede, não foram até ao momento identificados exemplares deste tipo de sepulturas para a época alto-medieval. Assim, focar-nos-emos nas questões relativas às outras três formas de construir sepulcros.

No caso das sepulturas de lajes, esta consiste numa estrutura de inumação com uma ampla diacronia de utilização, surgindo sepulturas de lajes desde Época Tardo-Romana, associadas aos primeiros enterramentos cristãos, e em plena Idade Média, já em cemitérios paroquiais. No entanto, a presença de espólio funerário no interior destas sepulturas, ou a sua associação clara a um edifício

⁸ As escavações realizadas obedeceram um modelo de trabalho pluridisciplinar investindo no contributo científico de outras áreas paralelas à arqueologia, como a zooarqueologia e a geoarqueologia, e apostando em análises de radiocarbono que permitissem a obtenção de datações absolutas (Tente 2011).

religioso, torna-as num problema relativamente simples de resolver, uma vez que facilmente é atribuído um limite cronológico para a sua utilização.



Imagem 2 – 1) Sepultura escavada na rocha do Monte do Junçal (Castelo de Vide); 2) Sarcófago do Monte de Cerejeiro (Castelo de Vide); 3) Sepultura de lajes da Boa Morte (Castelo de Vide) (fotografia de João Magusto).

Por outro lado, se as sepulturas escavadas na rocha são, como referimos, o vestígio material mais facilmente identificável para a Alta Idade Média, são também aquele com mais dificuldades implicadas no seu estudo. Ironicamente, o seu principal problema reside precisamente na atribuição cronológica. Estas sepulturas encontram-se, na quase maioria dos casos, vazias de material arqueológico ou osteológico. O facto de terem sido construídas em afloramentos rochosos normalmente expostos terá proporcionado ao longo dos tempos sucessivas violações. Mesmo nos casos em que é possível efetuar escavações de sepulturas seladas, é frequente não se recuperar qualquer vestígio, osteológico ou artefactual. Por sua vez os sarcófagos partilham todos os problemas com as sepulturas escavadas na rocha, com a agravante de serem peças móveis facilmente deslocadas do seu lugar original, surgindo frequentemente reutilizadas como bebedouros e/ou comedouros para gado⁹.

⁹ Veja-se o exemplo dos dois sarcófagos do sítio do Cerejeiro (Castelo de Vide) (Prata 2012: 50-57).

Nos raros casos em que se recupera material osteológico, existem algumas questões que devemos considerar. Mesmo na possibilidade de obter uma datação absoluta para material osteológico, esta atribui uma cronologia à amostra e não à sepultura, questão que se complexifica, uma vez que podemos assumir que estas sepulturas seriam reutilizadas¹⁰. Mesmo nos poucos casos em que só se recuperam vestígios de um indivíduo no interior, a datação da amostra osteológica marcará um momento único da utilização de sepultura, não sendo possível assumir que a cronologia do inumado identificado coincida com o momento da construção do sepulcro.

A frequente ausência de espólio arqueológico, a difícil conservação de materiais osteológicos e a inexistência de relações estratigráficas (pela localização destes sepulcros em afloramentos rochosos) inviabiliza qualquer tipo de datação direta para as sepulturas escavadas na rocha. Foram estas as dificuldades que levaram a que as abordagens no sentido da sua compreensão e balizamento cronológico fossem feitas a partir da definição de tipologias formais.

No entanto, embora actualmente se aceite que a atribuição de datações baseada numa evolução crono-tipológica se encontra ultrapassada, muitos trabalhos continuam a centrar-se nos aspectos morfométricos dos sepulcros. É ainda frequente recorrer à utilização das dimensões das sepulturas para estabelecer possíveis estaturas para os inumados a partir das medidas que Barroca define, em que o inumado teria menos 10 a 20 cm que o tamanho da sepultura (Barroca 1987). No entanto, a ausência de restos osteológicos inviabiliza estudos paleobiológicos, já por si bastante escassos para as populações desta época. Sem estudos sistemáticos sobre percentis médios para as populações e sem inumações conservadas que permitam estabelecer relações efetivas entre a variação de tamanho dos inumados e as suas sepulturas, determinar estaturas médias para indivíduos com base apenas no tamanho da sepultura é um processo que deve ser encarado com extrema cautela. O comprimento máximo do leito interior da sepultura pode fornecer-nos, quanto muito, o tamanho máximo que o primeiro inumado poderia ter tido, bem como o tamanho máximo que um indivíduo poderia apresentar para ser inumado em determinado sepulcro.

A possível utilização de espólio funerário acrescenta ainda outra variável na leitura da relação entre a estatura do inumado e o comprimento do sepulcro. Mesmo no caso dos sepulcros rupestres, embora na maioria dos casos vazios, estão documentados exemplares de sepulturas escavadas na rocha onde o espólio funerário está também presente¹¹, havendo que considerar a possibilidade de haver um espaço extra no sepulcro para a sua colocação. Assumindo ainda que

¹⁰ "...a reutilização deste tipo de sepulcros parece ser uma constante para a Idade Média, facto observado em todas as necrópoles com conservação osteológica estudadas." (Tente 2011: 355).

¹¹ Veja-se o caso da necrópole do Poço dos Mouros (Silves) (Gomes 2002).

as sepulturas seriam feitas com o intuito de virem a ser reutilizadas, é plausível assumir que os seus construtores tivessem esse facto em atenção no momento da definição das dimensões dos sepulcros, já que uma sepultura maior seria reutilizável por um espectro mais abrangente de indivíduos.

O comprimento das sepulturas é ainda por vezes utilizado para atribuir um género ao inumado. Diferenciar inumados assumindo simplesmente que as sepulturas maiores seriam para indivíduos do sexo masculino e as menores para indivíduos do sexo feminino parece-nos algo extremamente problemático¹². Existe ainda outra questão que a dimensão das sepulturas permite levantar que diz respeito às inumações infantis¹³. Esta questão torna-se especialmente relevante quando nos apercebemos de uma percentagem sistematicamente diminuta de sepulturas para inumações infantis, identificadas em necrópoles rupestres. No entanto, o reduzido número destas sepulturas pode-se explicar pela utilização de outras soluções de enterramento para crianças ou ainda pela possibilidade de serem enterradas juntamente com adultos, numa mesma sepultura¹⁴.

5. OUTRAS PERSPETIVAS DE ANÁLISE

Embora continuemos a proceder a estudos formais, abriram-se novas perspetivas de estudo, as respostas às nossas questões centram-se menos na especificidade da arquitetura do sepulcro e mais nos aspectos da sua implantação na paisagem, inserção no espaço e relação com outros vestígios arqueológicos.

Em primeiro lugar, procurámos encarar as necrópoles enquanto manifestações da presença antrópica, observando os aspectos da sua implantação geográfica e cultural. Começámos por considerar aspectos relacionados com a sua implantação geográfica, como a altitude média dos locais escolhidos; a presença ou ausência de condições naturais de defesa das áreas seleccionadas; o destaque que apresentavam na paisagem e o seu eventual controlo visual; a relação com linhas de água e ainda, a capacidade de uso agrícola dos solos onde se localizavam estas necrópoles.

Para entender quais os motivos por detrás destas escolhas espaciais será necessário primeiro compreender exatamente como é que estas populações se relacionariam com o espaço, algo que de momento para a área de estudo em causa, ainda não é possível. É preciso reforçar a noção de que sem escavações arqueológicas que o confirmem, é impossível afirmar com certeza que estas sepulturas se

¹² A título de exemplo, é extremamente difícil estabelecer um limite de tamanho para uma sepultura para uma inumação feminina do tamanho de uma sepultura para um jovem do sexo masculino.

¹³ Habitualmente, designa-se que sepulturas com menos de 150cm são destinadas a crianças (Tente 2007).

¹⁴ Na necrópole de São Pedro de Numão (Vila Nova de Foz Côa) I. Lopes identificou um adulto e uma criança na mesma sepultura e também uma sepultura escavada em terra de um nado-morto (Lopes 2002: 276, 277 e 286).

associavam diretamente a espaços de habitat e é com muita cautela que nos devemos servir dos dados obtidos na análise da localização dos espaços funerários.

O segundo aspecto que tivemos em consideração foi a associação destes espaços de necrópole com outras manifestações antrópicas. Neste aspeto, ao observar os dados apresentados em estudos prévios, apercebemo-nos da existência de alguns padrões (e dos seus problemas). Em primeiro lugar, as sepulturas escavadas na rocha surgem frequentemente em locais associados a vestígios de cronologia romana, seja em proximidade com sítios rurais romanos¹⁵, necrópoles da mesma cronologia¹⁶ ou concentrações à superfície de material de construção e/ou cerâmica de armazenamento¹⁷. É também frequente a associação aos chamados “caminhos de cronologia indeterminada”, alinhamentos de estruturas, derrubes de pedra e outros vestígios de superfície¹⁸.

A análise sistemática das características da implantação destes sítios na paisagem permitiu-nos constatar algumas recorrências para a nossa área de estudo. Nos dezoito sítios estudados foi possível detetar uma escolha sistemática de lugares pouco destacados na paisagem, sem condições naturais de defesa e sem controlo visual sobre o território. Embora a presença de linhas de água seja uma constante em quase todos os locais onde identificamos necrópoles, foi também verificada uma aparente escolha de locais com solos de fraca capacidade agrícola¹⁹. Na relação com outros vestígios arqueológicos a mais evidente foi a presença de concentrações de cerâmica de construção à superfície (presente em metade dos dezoito sítios estudados); seguida de acumulações de pedras e indícios de derrubes de estruturas (identificados em cinco dos dezoito sítios); vestígios de caminhos de cronologia indeterminada (detectados em cinco dos sítios estudados) e por fim, a associação a sítios de cronologia romana (identificada em três das dezoito necrópoles).

Mas o que é estes dados nos dizem sobre o espaço ocupado em vida por estas comunidades? Podemos tirar daqui alguma ilação acerca das estratégias de ocupação e exploração do espaço? De momento, por não sabermos o suficiente sobre as alterações de povoamento na transição da Época Romana para a Alta Idade Média na área da Serra de São Mamede, não podemos assumir que a coe-

¹⁵ Veja-se o caso de S. Gens (Celorico da Beira) (Tente 2011: 203-266).

¹⁶ Exemplo do Vale do Cano (Castelo de Vide) (Oliveira *et al.* 2007: 223).

¹⁷ Exemplo do sítio da Mouta Raza (Marvão) (Prata 2012: 65-68).

¹⁸ É importante salvaguardar a constante dificuldade em aferir uma relação direta entre outros vestígios arqueológicos e as sepulturas escavadas na rocha, pela já referida impossibilidade de averiguar relações estratigráficas.

¹⁹ Este dado foi pela primeira vez avançado por J. Oliveira na conferência “O Concelho de Marvão, antes e depois da Cidade da *Ammaia*” inserido na 8ª Sessão do *I Ciclo de Conferências Cultura a Sul* (2009 – 2010) tendo os resultados sido recentemente sistematizados num publicação do mesmo autor (Oliveira e Pereira 2011). Importa ainda referir que esta associação entre sepulturas escavadas na rocha, linhas de água e terrenos de fraca capacidade agrícola foi também constatada por I. Martín Viso para a área de Riba Côa (Martín Viso 2008).

xistência espacial de vestígios de épocas distintas signifique uma continuidade na ocupação. O interesse em ocupar (ou reocupar) estes espaços podia estar relacionado com outros factores, para além das condições naturais, que de alguma forma tornariam estas áreas apelativas. A procura pode estar mais relacionada com a presença de materiais de construção disponíveis em sítios romanos abandonados, existindo exemplos de espaços de habitat alto-medievais, que reutilizam materiais de construção, artefatos ou mesmo ruínas de edifícios romanos²⁰.

Frequentemente tem-se associado a dispersão das sepulturas no terreno com a existência de um povoamento disperso²¹, partindo para isso do pressuposto de que as sepulturas estariam próximas de locais de habitat. No entanto, o instrumento de análise para entender a organização do povoamento não pode ser apenas as áreas de enterramento (Martín Viso 2008: 29). Não podemos descartar a possibilidade destas concentrações de sepulturas constituírem apenas espaços funerários, sem nenhuma relação direta com espaços de habitat ou terrenos de uso ganadeiro.

Precisamente do ponto de visto estritamente funerário, a associação com vestígios romanos, pode estar ligada a uma necessidade de vincular o espaço dos mortos com aqueles vestígios de um passado relativamente recente, aproveitando o simbolismo desses lugares (Martín Viso 2008: 26). Esta explicação faria especial sentido num mundo pós-romano, onde as memórias da prosperidade imperial poderiam ser evocadas para reforço de poder, explicando-se assim a associação do espaço dos mortos ao conceito dos antepassados, vinculados à ocupação anterior do espaço²².

Sobre as necrópoles alto-medievais e as motivações por detrás das suas características de implantação, procura-se frequentemente a presença de edifícios religiosos, que, quando presentes, parecem ter um papel preponderante na definição e organização do espaço funerário. Para o caso em estudo, apenas identificamos edifícios religiosos de cronologias muito recentes, nomeadamente, capelas de Época Moderna em três dos dezoito sítios estudados. A acrescentar à óbvia incompatibilidade cronológica, não constatámos qualquer tipo de relação clara entre as sepulturas e estas capelas, já que esta só pode ser feita com segurança nos casos em que existe uma relação/conexão espacial direta entre ambos os ves-

²⁰ Veja-se o exemplo do sector II do sítio do Monte Aljão, onde foram identificados elementos arquitetónicos romanos reutilizados nas estruturas alto-medievais (Tente 2011: 53-114).

²¹ Para o território português, constata-se uma clara tendência para a inserção das sepulturas na paisagem de forma dispersa, este dado foi identificado pela primeira vez por Barroca (Barroca 1987) e tem sido sistematicamente confirmado por autores mais recentes. A título de exemplo, vejam-se os resultados de M. Vieira para o Alto Paiva (Vieira 2004).

²² Veja-se o exemplo do sítio de S. Gens em que o povoado alto-medieval se desenvolve num local distinto dos vestígios romanos e as sepulturas escavadas na rocha se desenvolvem no exterior do povoado alto-medieval e em proximidade com as estruturas romanas (Tente 2011: 203-266).

tígios²³. Não obstante, é importante referir a possibilidade de antigos centros de culto ficarem fossilizados neste tipo de capelas (Martín Viso 2008). A presença destes edifícios, associados a espaços com concentrações de sepulturas, pode refletir a existência de uma tradição na natureza da ocupação do espaço, podendo até funcionar como uma espécie de perpetuação do seu carácter simbólico.

Importa recordar que não podemos saber até que ponto é que a leitura que nos é possível fazer atualmente das sepulturas e das características da sua implantação no terreno corresponde, ou não, à configuração original destes espaços²⁴. Consequentemente, a associação das sepulturas com outros vestígios antrópicos é uma ferramenta que deve ser utilizada com especial cautela. Ainda assim, mesmo na impossibilidade de se assegurarem relações diretas, convivências ou sucessões, síncronas ou diacronias, articulações ou coincidências, a verdade é que é impossível ignorar a presença de outros vestígios arqueológicos. A associação de concentrações de sepulturas com determinados vestígios antrópicos torna-se demasiado recorrente e devemos procurar formas de compreender estas eventuais ligações.

Sobre a arquitetura dos sepulcros, o aspecto mais relevante que verificamos foi a identificação das já referidas três formas distintas de construir sepulturas. Mais importante ainda é o facto destas soluções construtivas conviverem espacialmente já que dos cinco sítios onde foram identificadas sepulturas de lajes, em apenas um não se identificam também sepulturas escavadas na rocha²⁵. No entanto, estas formas diferentes de construir sepulturas implicavam aspectos distintos relativamente aos pressupostos funerários. O aspecto mais relevante prende-se com a presença da orientação canónica (Este – Oeste) em todos os sepulcros de lajes analisados face a uma ausência total de orientações sistemáticas nos sepulcros rupestres. Esta ausência de orientações nas sepulturas escavadas na rocha normalmente justifica-se pela escolha de afloramentos mais aptos à construção dos sepulcros. No entanto, em casos em que surgem edifícios religiosos associados às necrópoles, as sepulturas escavadas na rocha podem surgir com a mesma orientação que o monumento²⁶.

Voltemo-nos agora para as questões da organização do espaço funerário. Tornou-se claro desde início que estávamos perante distintos modelos de ordenação de necrópoles. Por um lado, concentrações de sepulturas em conexão espacial direta, por outro, conjuntos de sepulturas afastadas entre si, espalhadas pela paisagem. Os casos em que as sepulturas se apresentavam em conexão espacial

²³ No caso, por exemplo, da necrópole de São Pedro de Numão as sepulturas apresentam a mesma orientação que a capela tendo permitido à autora aferir contemporaneidade para ambos os fenómenos (Lopes 2002: 269).

²⁴ A grande maioria destes locais foram agricultados mecanicamente sendo que devemos assumir a possibilidade de alguns vestígios arqueológicos poderem ter sido destruídos.

²⁵ Não referimos nesta questão os sarcófagos devido ao seu carácter móvel e frequentes reutilizações posteriores.

²⁶ Veja-se o exemplo de Cuyacabras (Burgos) (Castillo 1972).

direta e pareciam demonstrar indícios de organização espacial, representavam um número muito reduzido dentro das necrópoles estudadas e correspondiam, principalmente, a conjuntos de sepulturas de lajes.

Considerámos então que talvez diferentes tipos de sepulturas significassem diferentes formas de organização do espaço funerário, estando as sepulturas de lajes associadas a necrópoles de elementos concentrados e estruturados, com orientações e implantações consistentes, e as sepulturas escavadas na rocha estivessem associadas a uma realidade funerária que pressupusesse uma implantação mais dispersa, quase aleatória. No entanto, é necessário ter em conta que também surgem concentrações de sepulturas escavadas na rocha, em quatro dos dezoito sítios estudados. Por outro lado, são também conhecidas sepulturas de lajes, inseridas em conjuntos funerários maiores (em três dos dezoito sítios estudados), implantadas de forma isolada e em conjuntos de duas e três. Este não poderia ser um modelo explicativo.

Na ausência de edifícios religiosos – contemporâneos dos espaços funerários – quais seriam então os catalisadores para a organização das sepulturas? Para tentar responder a esta questão, procurámos na implantação dos sepulcros, indicadores que nos mostrassem sinais de uma possível organização interna. Embora as sepulturas escavadas na rocha não pareçam estar dispostas de forma organizada, existem aspetos que demonstram uma preocupação na escolha do local para a implantação dos sepulcros e que devem ser tidos em conta no momento de realizar estudos sobre estes vestígios. Estes aspetos são especialmente relevantes se tivermos em conta a hipótese explicativa para o fenómeno das sepulturas escavadas na rocha, polarizadas no campo, matizada por Martin Viso, que afirma que estes sepulcros poderiam constituir marcadores de um espaço produtivo, que vinculariam os utilizadores da terra com os seus antepassados, sepultados no local, podendo ainda funcionar como limites entre distintas propriedades (Martín Viso 2008). Esta teoria confere às sepulturas um carácter quase funcional, tornando-as num mecanismo que permitiria assegurar a posse da propriedade numa sociedade que não utilizava o documento escrito. Desta forma, justificar-se-ia a escolha de afloramentos com destaque na paisagem, conferindo às sepulturas um carácter simbólico que iria muito para além da sua função funerária.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi possível perceber que para o espectro cronológico definido, a Alta Idade Média, na área geográfica analisada, o Norte da Serra de São Mamede, existiam vários modelos de implantação de necrópoles na paisagem, distintas maneiras de organizar o espaço funerário e conviviam diferentes formas de construir sepulturas. No entanto, não foi ainda possível compreender de que forma estes factores se condicionam entre si. Estaremos perante a convivência de diferentes formas de construir sepulturas, sendo estas soluções, aparentemente distintas,

contemporâneas? Ou será que esta convivência nos mostra uma diacronia na utilização de um espaço funerário, mantendo-se a tradição de inumar em momentos distintos, num mesmo lugar? Condicionaram os pressupostos rituais as características morfológicas do sepulcro? Ou correspondem as diferentes formas de construir sepulturas a manifestações funerárias anacrónicas? A localização individual das sepulturas e a presença ou ausência de relação entre elas pode estar relacionada com o culto dos mortos? Ou será que as leis mudas que regem a implantação dos sepulcros se relacionam com motivações de carácter ocupacional?

A verdade é que as perguntas com que começamos o nosso estudo levantaram muitas novas questões e, acima de tudo, compreendemos que muitas das respostas acerca do mundo dos mortos só serão encontradas no mundo dos vivos. No entanto, voltamos a reforçar os problemas de realizar estudos de povoamento com base apenas em vestígios de carácter funerário. A presença de concentrações de sepulturas num determinado local informa-nos de que aí existiu um sítio onde uma determinada comunidade humana sepultaria os seus mortos. Sem compreendermos exatamente qual o tipo de relação que estes espaços de inumação teriam com os espaços de habitat, é improdutivo avançar propostas de estratégias de ocupação baseadas unicamente na identificação de sepulturas.

As questões continuam com procurar a definição daquilo que entendemos como uma necrópole, o que é que consideramos como espaço funerário, e, em última instância, onde se traçaria a linha que dividia o espaço dos vivos do espaço dos mortos, no amanhecer desta ruralidade medieval. A verdadeira compreensão destas comunidades humanas de como se articulariam com o território só se poderá alcançar recorrendo a escavações arqueológicas que procurem identificar e caracterizar os espaços de habitat.

BIBLIOGRAFIA

- BARROCA, M. J. (1987) *Necrópoles e sepulturas medievais de Entre-Douro-e-Minho (Séculos V a XVI)*. Dissertação para Provas Públicas de Capacidade Científica, apresentada na Faculdade de Letras da Universidade do Porto [policopiado].
- CAEIRO, J. O. (1984a) *A Necrópole I da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide*. Évora.
- CAEIRO, J. O. (1984b) *A Necrópole I da Azinhaga da Boa Morte – Castelo de Vide*. Évora.
- CASTILLO, A. del (1968) Cronología de las tumbas llamadas de “Orledolanas”. In: *Actas del XI Congreso Nacional de Arqueología*. Mérida, p. 835-845.
- CASTILLO, A. del (1972) *Excavaciones altomedievales en las provincias de Soria, Logroño y Burgos*. Madrid.
- CUNHA, E.; UMBELINO, C.; TAVARES, T. (2001) A Necrópole de São Pedro de Marialva. Dados antropológicos. IPPAR (*Estudos* 1), p. 139-143.
- GOMES, M. V. (2002) A necrópole visigótica do Poço dos Mouros (Silves). *Revista portuguesa de Arqueologia*. 5 (2), p. 339-391
- LALIENA CORBERA, C.; ORTEGA ORTEGA, J.; BENAVENTE SERRANO, J. A. (2007) Los problemas de escala y la escala de los problemas: algunas reflexiones sobre el poblamiento altomedieval en Bajo Aragón. In: *Villes et campagnes de Tarraconaise et d’Al-Andalus (VII- XIE siècle) : la transition*. CNRS, p. 249-262.
- LOPES, I. (2002) *Contextos materiais da morte durante a Idade Média: as necrópoles do Douro Superior*. Dissertação de mestrado em arqueologia apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto [policopiado].
- MARTÍN VISO, I. (2012) Enterramientos, Memoria social y paisaje en la Alta Edad Media: Propuestas para una análisis de las tumbas excavadas en roca en el centro-oeste de la Península Ibérica. *Zephyrus*.
- MARTÍN VISO, I. (2008) Tumbas y sociedades locales en el centro de la península en la alta edad media: el caso de la comarca de Riba Côa (Portugal). *Arqueología y Territorio Medieval*. 14, p. 21-47.
- OLIVEIRA, J.; PEREIRA, S. (2011) A pulverização da Ammaia na Alta Idade Média – Espaços e paisagens – Antiguidade Clássica e Heranças Contemporâneas. *História, Arqueologia e Arte*. 3 (p. 171-189). Disponível em <http://dspace.uevora.pt>, consulta de Janeiro de 2012.
- OLIVEIRA, J. *et al.* (2007) Nova Carta Arqueológica do Concelho de Marvão – *Ibn Maruan* 14.

- PAÇO, A. (1949) Inscrição Cristã do Monte-Velho (Beirã-Marvão). *Revista Brotéria Vol. XLIX*, Fasc. 1.
- PAÇO, A. (1953) Carta arqueológica do concelho de Marvão. *Actas do XIII Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências*, p. 93–127.
- RODRIGUES, M. C. M. (1975) *Carta Arqueológica do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa.
- RODRIGUES, M. C.M. (1978) *Sepulturas Medievais do Concelho de Castelo de Vide*. Lisboa.
- PRATA, S. (2012) *As Negrópoles alto-medievais da Serra de São Mamede (Concelhos de Castelo de Vide e Marvão)* Tese de mestrado defendida em Setembro de 2012 na FCSH-UNL [policopiado].
- TENTE, C. (2007) A ocupação alto-medieval da Encosta Noroeste da Serra da Estrela. Lisboa. IPA (*Trabalhos de Arqueologia: 47*).
- TENTE, C. (2011) *Arqueologia Medieval Cristã no Alto Mondego, Ocupação e exploração do território nos séculos V a XI*. Tese de doutoramento defendida em Dezembro de 2010 na FCSH-UNL [policopiado].
- TENTE, C. (2012) Settlement and society in the Upper Mondego Basin (Centre of Portugal) between the 5th and the 11th centuries. *Archeologia Medievale XXXIX*.
- VIEIRA, M.A. (2004) *Alto Paiva. Povoamento nas épocas romana e alto-medieval*. Lisboa, IPA.